

25 de Novembro 2017 - Macau

Discurso de Encerramento do

Presidente da APAVT, Pedro Costa Ferreira

Caros amigos,

No encerramento deste congresso, não posso deixar de começar por agradecer a Macau.

Este evento começou a ser tratado num almoço realizado há cerca de seis anos, entre mim e o Rodolfo Faustino. Foi, muito concretamente, o primeiro sonho deste ciclo político da APAVT, que agora se encerra, razão pela qual ainda mais felizes ficamos, por termos conseguido realizá-lo.

Por isso mesmo, tenho o dever de iniciar esta comunicação de encerramento expressando o meu agradecimento a duas peças absolutamente vitais desta jornada

Cara amiga Maria Helena, muito obrigado por todo o apoio e, sobretudo, por ter confiado na APAVT e no mercado português. Não tenho uma dúvida que saberemos corresponder, com mais turistas, com mais negócio, com mais receitas também.

Caro Rodolfo Faustino, meu caro colega associado honorário da APAVT, um grande abraço agradecido também para ti. Não apenas pelo congresso, mas sobretudo pelo teu constante trabalho em prol das relações entre Portugal e Macau, pelo teu empenho na divulgação do destino turístico Macau e ainda pela tua proximidade com a comunidade dos agentes de viagens.

Evidentemente, um congresso, e sobretudo um congresso com cerca de 700 pessoas, para mais realizado a esta distância de Portugal, é sempre um trabalho colectivo, envolvendo na sua organização muitas dezenas de pessoas.

Por esta razão, não referindo ninguém para não correr o risco de me esquecer de alguém, deixo aqui uma palavra de agradecimento às duas fantásticas equipas que, em conjunto, idealizaram e levaram a cabo este evento, as equipas do Turismo de Macau e da Apavt.

Mas este congresso não foi apenas um êxito para Macau, nem foi um êxito apenas por causa de Macau.

Quantos congressos conseguem reunir Jaime Gama, Jaime Nogueira Pinto, Augusto Mateus e Paulo Amaral.

Sim, tivemos oradores fantásticos. Ajudaram-nos a pensar o mundo, a pensar o sector, a pensar a nossa atitude perante a vida e perante o negócio. Quero agradecer a todos eles,

e sei que nenhum deles se ofenderá se agradecer a todos através de um cumprimento especial ao Professor Augusto Mateus.

Professor, ter o privilégio de aprender consigo tem sido para todos nós, agentes de viagens, verdadeiramente inspirador. Por causa dos seus conhecimentos, com certeza que sim, mas também e sobretudo por nos lembrar que ainda há gente que, sem a exigência de qualquer contrapartida, se preocupa em ajudar pessoas e empresas, apenas porque se recusa a render a um Portugal pequenino, com pouca ambição e menor futuro.

Porque tivemos oradores fantásticos, tivemos conteúdos muito ricos e conclusões importantes.

Desde logo e em primeiro lugar, a importância do oriente, e a necessidade de utilizar Macau e Portugal como artífices de uma relação maior, que inclua a China, a Europa e a lusofonia

Depois, dirigindo o olhar para o sector, podemos afirmar que, trabalhando em turismo, moramos no lado brilhante da lua.

Porque, por um lado, o turismo é a principal actividade à escala global, e a sua relevância vai-se acentuar. Porque, por outro lado, as agências de viagens estão junto do ponto onde tudo começa - o consumidor. Haverá, portanto, no futuro, um enorme campo de manobra para todos nós, agentes de viagens.

Em terceiro lugar, como tão bem o Paulo Amaral nos veio dizer ao longo dos trabalhos, a tecnologia vai ter de nos acompanhar até ao fim das nossas vidas. E, relativamente a ela, uma de duas, ou surfamos a onda, ou nos afogamos por causa da onda.

Frase que encerra duas ideias fundamentais. (i) Em primeiro lugar, que temos de utilizar a tecnologia, para criar valor e gerar rentabilidade. (ii) Em segundo lugar, que utilizar tecnologia não será suficiente. Teremos de a utilizar de modo inteligente, utilizando-a em nosso favor e não em estratégias de auto-flagelamento e final menos feliz.

Mas o Paulo Amaral veio dizer aos agentes de viagens algo ainda mais importante.

Temos afirmado todos os dias que tecnologia e agentes de viagens não são incompatíveis, muito pelo contrário. Não é, pois, uma ideia nova, nem tão pouco é surpreendente que a defendamos.

O que é diferente, tem para nós mais valor e surpreenderá muita gente, é alguém da área da tecnologia nos vir dizer o mesmo, ou seja, que a tecnologia é essencial sobretudo para alavancar a experiência humana, não para a evitar ou substituir.

Em quarto lugar, uma nota para o estudo sobre o sector, apresentado pela Sandra Primitivo, ontem à tarde, neste mesmo palco.

Um sector que (i) atrai mais novas empresas do que a média da economia nacional, (ii) um sector que cresce nos últimos quatro anos mais do que a economia nacional, (iii) um sector que tem uma dimensão média das empresas superior à média da economia nacional, (iv) um sector que contrata pessoal mais qualificado do que a média do sector, e do que a média da economia nacional (v) um sector que cresceu nos últimos quatro anos, mais do que a economia portuguesa no seu todo, (vi) um sector que representa, em valor directo, indirecto e induzido, 3.242 milhões de euros, cerca de 2,1% do PIB nacional, cerca de 18 vezes o VAB da auto-europa, cerca de 75% do Vab de todo o grupo EDP, é um sector que não deve pedir respeito, é um sector que tem de exigir respeito!

Somos, pois, uma comunidade de empresas com saúde, crescimento recente e a pensar o futuro.

Duas notas finais.

Uma, que tem a ver com a própria APAVT.

O Professor Augusto Mateus alertou-nos para a necessidade de, enquanto associação empresarial, contribuirmos mais activamente no delinear de uma estratégia para o turismo e para a economia nacional, facto que não pode deixar de constituir motivo de análise e reflexão, não apenas para a APAVT, mas sobretudo no espaço de diálogo inter-associativo, o espaço da CTP.

Esta necessidade de sermos mais presentes a pensar o que vamos ser daqui a dez anos, e mais ausentes quando se debate a mera espuma dos dias, é algo que nos deve motivar a trabalhar melhor, e que certamente tentaremos cumprir ao longo do nosso próximo mandato.

A importância do Oriente enquanto mercado emissor, a relevância de Macau enquanto destino turístico, a peso da tecnologia, mas também a ainda maior importância das emoções e das experiências humanas, a importância do turismo, a relevância do nosso sector na economia nacional, e sobretudo a necessidade de chamarmos o turismo, quando estivermos preocupados com a reinvenção da realidade económica do nosso País, de tudo isto de falou no nosso congresso.

Entretanto, todos sabemos que uma parte importante das nossas respostas será espelho do tamanho dos nossos sonhos, como tão bem nos explicou a Natalie Cohen.

Iniciei esta minha breve comunicação, falando de um sonho realizado, a realização deste congresso de Macau, e gostaria de a terminar falando de sonhos.

Foram três dias de aprendizagem, camaradagem, convívio com velhos amigos, encontro de novos amigos. Faltará, no voo de regresso, perguntar de que tamanho são os sonhos de cada um de nós.

Desse tamanho dependerá, provavelmente, a nossa atitude, parte importante dos nossos resultados, e uma parcela ainda mais significativa da nossa felicidade.

Encerro este congresso, desejando, a todos vós, bons sonhos para 2018 !